



A SINISTRA PORTO ALEGRE, CAPITAL DE PECADOS

Raquel Czarneski Borges*
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
raquel_czarneski@hotmail.com

Catarina Come-Gente, Maria Degolada, Crioula Fausta – o Pássaro Negro do Beco do Poço – o que teriam em comum estas personagens pitorescas, além dos nomes como que saídos de alguma história macabra? Estas e mais quatro misteriosas mulheres compõem o rol de personagens apresentados e investigados por Sandra Jatahy Pesavento em seu novo livro **Os Sete Pecados da Capital**¹ que têm a cidade de Porto Alegre nos fins do século XIX como cenário para sete crimes que chocaram a opinião pública e destacaram-se pela participação de misteriosas mulheres.

Os crimes perpetrados nesta “capital dos pecados” marcaram época e ainda permanecem como que submersos nas profundezas da memória popular porto-alegrense, prestes a serem evocados em momentos específicos. As histórias, objetos de investigação de Sandra Pesavento, compõem a memória urbana da cidade e, por isto mesmo, revelam aspectos da urbe um tanto sombrios e, para muitos, ainda desconhecidos.

Através de uma análise apurada das fontes que coletou e de um olhar perspicaz sobre acontecimentos envoltos nas brumas de um passado misterioso, por vezes inacessível a uma observação superficial, Sandra Pesavento adentra no submundo da cidade de Porto Alegre do século XIX para tecer a trama de fatos e personagens que muitas vezes se entrelaçam, de histórias que se cruzam e que disputam um mesmo palco, por assim dizer. As sete mulheres analisadas bem como suas histórias fizeram parte de uma outra cidade, que vivia às margens daquela Porto Alegre que se

* Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande, atualmente participa do programa de mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Pernambuco.

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

modernizava, que se urbanizava e que se pretendia “civilizada”. À partir de **Os Sete Pecados da Capital**, podemos vislumbrar a cidade dos *outsiders*, aquela que crescia à revelia dos poderes instituídos, mas que muitas vezes mantinha com eles relações bem próximas e até íntimas. Podemos vislumbrar as várias cidades existentes dentro de um mesmo espaço.

Mas o trabalho da historiadora não se detém somente na narração desses casos pitorescos, desses crimes de mulheres marginais. Ele aprofunda-se de maneira metódica no imaginário que a sociedade porto-alegrense constrói sobre esses casos e na maneira como este imaginário dialoga com um suposto real, com o “verdadeiro”, com o “mundo concreto”. Nos limites entre ficção e veracidade encontramos os possíveis fatos históricos como que caminhando indecisos entre uma e outra dimensão.

Em seu trabalho, Sandra procura compreender de que maneira a ficção e a realidade se entrecruzam e se influenciam mutuamente, orientando o sentido das ações dos indivíduos em uma sociedade; de que forma a ficção serve de inspiração para muitos acontecimentos supostamente verídicos e, posteriormente, como que estes acontecimentos vão passar a compor um imenso imaginário dotado de sentidos, vão se transformar ao longo do tempo, vão adquirir novas características, novos símbolos e valores de acordo com cada época para, por fim, tomar ares de ficção, influenciando novamente a realidade “concreta”, em um movimento que parece infinito.

O grande intento de **Os Sete Pecados da Capital** é o de refletir sobre o critério de veracidade que o imaginário pode assumir, bem como demonstrar que sua força simbólica é tão grande que acaba por orientar as próprias ações “concretas” dos indivíduos. Sandra Pesavento inova ao demonstrar que não só os pesquisadores, no mundo acadêmico, estão envoltos em dúvidas quanto às fronteiras entre literatura e história, mas também os próprios indivíduos, “sujeitos da história” muitas vezes não delimitam barreiras entre ficção e realidade, transitando livremente entre uma e outra, produzindo obras de valor artístico, ficcional e, ao mesmo tempo, agindo inspirados nelas.

Assim, percebemos através da obra a importância que assume o imaginário de uma época na construção dos fatos históricos. Todos aqueles que se debruçam sobre um fato, por assim dizer “original”, “bruto”, imprimem nele suas marcas, seus valores, e o interpreta de acordo com seu olhar, traduzindo-o para a sua linguagem, para a linguagem de sua época. Dessa forma, um historiador do século XXI, ao estudar um

determinado acontecimento histórico não apenas estará ciente de que não analisa somente os acontecimentos de tempos passados, mas as interpretações que se criaram sobre esses fatos, passando, à partir de então, a configurar as suas próprias considerações. Sandra Pesavento vai além desta análise e procura entender de que forma as representações adquirem este critério de verdade, ocupando o lugar do real, confundindo-se com ele e muitas vezes orientando seus rumos; ou melhor, dando sentido às ações concretas.

Segundo Bronislaw Baczko, “no domínio do social, as produções imaginárias [...] constituem outras tantas respostas dadas pelas sociedades aos seus desequilíbrios, às tensões no interior das estruturas sociais”.² Assim, o imaginário social seria o responsável por dar sentido a uma necessidade simbólica do homem, necessidade de produzir significados para o mundo ao seu redor e aos fatos que o cerca. Cada sociedade cria o seu próprio conjunto de idéias e signos e compreende os mesmos fatos de forma muito diferenciada de acordo com os valores que a orienta em cada momento histórico.

Dessa forma, o texto de Sandra Pesavento transforma o próprio imaginário social em seu objeto de estudo e investigação. Para além dos fatos supostamente ocorridos, temos a interpretação que se faz deles e como estas adquirem contornos diferenciados de acordo com o olhar de cada comunidade de sentidos. A percepção que temos sobre determinado ocorrido varia de tempos em tempos e é expressa nas representações que construímos para um fato. Assim, Sandra busca nessas histórias apresentadas não a constância, não a descrição de fatos, não o terreno seguro das fontes oficiais, mas, através da análise dos diferentes elementos que compõem as narrativas, a mudança, as interpretações diferentes e até mesmo contraditórias que um mesmo fato pode suscitar com o passar do tempo.

Com um estilo instigante, ela apresenta suas fontes e faz com que elas “falem”, dando a sua narrativa uma grande vivacidade. Ao contrário de uma idéia estanque do imaginário social, o livro **Os Sete Pecados da Capital** trabalha justamente com um conjunto de representações flexíveis, que se transformam substancialmente e que estão em permanente diálogo com o “mundo concreto”. Ele aborda a memória como uma dimensão instituída pela sociedade e ao mesmo tempo instituinte, criadora de realidades, perene, e em permanente processo de reelaboração.

² BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. Vol. 5. p. 309.

Em seu trabalho **Textos, Impressão, Leituras**³, Roger Chartier apresenta a preocupação do escritor espanhol Fernando de Rojas já em 1507 sobre as diferentes interpretações que uma mesma obra suscitava nos leitores, lançando as bases de um debate extremamente contemporâneo que é o da recepção cultural. Rojas, no século XVI, atribuía esta diferenciação às distintas perspectivas e expectativas dos seus leitores. Neste caminho, percebemos que a obra de Sandra contribui para esta reflexão sobre as diversas formas de recepção que uma mesma obra literária, uma notícia ou um mesmo fato podem adquirir em uma sociedade, pois leva em consideração o “horizonte de expectativas” do público que acompanhava e construía interpretações para os sete crimes da capital.

Através da análise dos jornais da época, por exemplo, a historiadora pôde apreender um pouco da maneira como as pessoas da cidade de Porto Alegre do final do século XIX entendiam e julgavam certos fatos; percebe-se pela narrativa desses jornais as diferentes formas de interpretação de um mesmo ocorrido, bem como o universo de expectativas dos leitores com relação à publicação desses acontecimentos. Pela análise das diferentes fontes, a autora pôde apresentar-nos o conjunto de valores, práticas sociais, sentimentos e perspectivas de vida de diferentes grupos que configuravam o espaço estudado.

Além disso, através do estudo da transformação e do processo de estetização dos casos apresentados, Sandra Pesavento, consegue também demonstrar a maneira como o público leitor e expectador dessas histórias chocantes muda sua concepção, suas reações, sua maneira de contá-las, enfim muda suas representações. Dessa forma o debate lançado apresenta-se de forma inovadora, pois não apenas considera as representações culturais e seus significados sociais, mas analisa primordialmente o processo de construção e transformação destas.

Um ponto extremamente interessante na construção da narrativa da autora foi a sua opção em buscar em um universo feminino as personagens de suas histórias. Mulheres pecadoras são as protagonistas desses casos, reafirmando o mito de um “feminino perturbador”. Através da reconstrução da trajetória de vida dessas mulheres, podemos perceber também o julgamento que se fez delas, a carga moral que lhes foi atribuída e suas conseqüentes condenações ou absolvições. Por buscar compreender as

³ CHARTIER, Roger. *Textos, Impressão, Leituras*. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

sensibilidades, as idéias, as representações que orientavam as ações dos indivíduos com relação aos crimes praticados pelas mulheres de **Os Sete Pecados da Capital**, Sandra Pesavento busca recompor o conjunto de sensibilidades que uma determinada comunidade construiu em seu momento histórico para compreender, julgar, rotular ou classificar uma série de comportamentos que não correspondiam às expectativas da maioria da população com relação aos papéis sociais.

Através de um estudo do micro, das histórias do cotidiano, podemos perceber o macro, as idéias, os valores, as representações que guiavam todo um conjunto de pessoas em um momento histórico. Através da compreensão da exceção, podemos vislumbrar a regra e, assim, termos uma noção do que as pessoas da Porto Alegre *fin-de-siècle* constituíam enquanto padrão de comportamento aceitável para seus habitantes e mais especificamente para suas mulheres. Vamos, então, aos casos...

Quem diria que na pacata e provinciana Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, em pleno ano de 1864, um casal de origens obscuras, residente no então bairro popular da Cidade Baixa, na chamada Rua do Arvoredo, fosse o responsável por exterminar friamente membros de sua vizinhança, para com suas carnes fazer linguiças e comercializá-las impunemente para a população local? Catharina Come-Gente permanece nos recônditos do imaginário social porto-alegrense associada ao crime das linguiças. Mas tão interessante quanto os detalhes deste fato bizarro são as constantes transformações pelos quais passa a narrativa da história ao longo dos anos, chegando finalmente a contradizer muitos aspectos da história “original”.

Desde as primeiras descrições do caso, Catharina e seu “amásio”, o açougueiro José Ramos, são identificados como frios assassinos, como monstros merecedores de uma condenação eterna. Mas, mesmo assim, as representações com relação a seus crimes vão se transfigurando ao longo do tempo, a ponto de muitos outros detalhes virem sendo acrescentados à história, dando a ela uma característica de uma “trama digna dos romances de Agatha Christie ou de Conan Doyle, ou talvez a uma das histórias extraordinárias de Edgar Allan Poe...”⁴

De testemunha ou cúmplice dos crimes de José Ramos, de uma mulher em situação irregular, moralmente condenável e descrita como “alta, de cabelos negros, falando regularmente o português, de feições vulgares e já fanadas para a idade de vinte

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 30-31.

e oito anos que diz ter”⁵. Catharina Palse torna-se no imaginário urbano a *femme fatale* que buscará seduzir as vítimas, atraindo os homens que caíam em suas artimanhas de sedução para o tão famigerado açougue da Rua do Arvoredo. Agora, a perigosa e atraente mulher tinha um papel de destaque na trama, sendo a responsável pela “caça” das presas.

O jornal **O Independente**, quase quarenta anos depois de perpetrados os crimes da Rua do Arvoredo noticiava agora que “[...] as vítimas eram atraídas a essa casa pela mulher de Ramos, Catharina, que nesse tempo tinha certa elegância no porte reunindo ao mesmo outros atrativos”⁶. Somam-se às descrições posteriores, lingüiças feitas de carne de crianças, aliadas a uma ótima aceitação do produto na cidade e pronto! já temos o roteiro para uma trama policial romanesca!

Outro caso interessante por se tornar motivo e inspiração de publicações folhetinescas nos jornais da época foi o da célebre cafetina Fausta, chamada de “Pássaro Negro do Beco do Poço”. A negra descrita como uma “pretota, esplêndida para entrar no tatu da casa do pouco pão”⁷ era uma espécie de aglutinadora e catalizadora de uma série de pecados e contravenções de toda uma “sub-espécie” de gentes que via em sua casa um recanto acolhedor às práticas moral e socialmente condenáveis.

O prostíbulo chefiado por Fausta era uma espécie de templo da perdição, uma casa para amores ilícitos, para onde se dirigiam não só homens desejosos de aventuras libertinas, mas mulheres que, desafiando a rigorosa ordem social existente, procuravam na casa de número 42 da rua General Paranhos, conhecida como Beco do Poço, em pleno centro da cidade de Porto Alegre, um local seguro para seus casos extra-conjugais. Mulheres divorciadas também encontravam abrigo dentro de seus quartos, e até mesmo policiais responsáveis por coibir a criminalidade naquela área eram freqüentadores do famoso bordel.

Dessa forma, podemos perceber o quanto este submundo, esta outra “cidade maldita” representada na figura da cafetina e suas prostitutas, mantinha íntimas relações com a cidade permitida, a cidade moderna, limpa e civilizada que lutava para extinguir o “câncer” da criminalidade que corroía as bases da sociedade e ameaçava os cidadãos

⁵ **O Mercantil**. Porto Alegre, Ano XVI, nº 84, 19/04/1864. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 33.

⁶ **O Independente**. Porto Alegre, Ano 3, nº 141, 19/04/1903. p. 2. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 59.

⁷ **A Gazetinha**. Porto Alegre, 16/02/1896. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 153.

“de bem”. Até mesmo com os poderes instituídos Fausta mantinha relações extremamente próximas!

Diante dessa realidade aviltante e ameaçadora dos bons costumes da recatada Porto Alegre do século XIX é que irão levantar-se as vozes daqueles defensores da sociedade “de bem”, empreendendo uma verdadeira cruzada moralizante em torno do fechamento do bordel de Fausta. **Jornal do Comércio, Gazetinha e Correio do Povo** colocavam-se então como os porta-vozes de uma sociedade que condenava tais atos imorais, e passavam a ser os principais veículos de informação sobre o que se acontecia no “lupanar” de Fausta. Ainda mais do que informativos, estes jornais eram formativos... eles não apenas descreviam o acontecido à população, mas de uma forma extremamente criativa, produziam uma realidade estetizada a tal ponto verossímil que em certos momentos não se tinha como distinguir o fato da representação. Como afirmamos anteriormente, esse entrecruzamento entre realidade e ficção aparece de forma explícita nas ações dos próprios sujeitos da história que muitas vezes relacionam-se com personagens e idéias que de fato não existiram, mas que adquiriram caráter de verdade porque poderiam certamente ter existido.

Assim, o bordel da crioula Fausta passa a ser o cenário principal para o desenrolar das ações novelescas que os jornais da cidade noticiariam diariamente. Jornais como **A Gazetinha**, que possuía uma coluna de mexericos chamada **Apanhados**, se encarregava da “nobre” função de, por meio de piadas, anedotas ou subentendidos, dar pistas daqueles que freqüentavam a casa da negra Fausta, ameaçando muitas vezes publicar por completo os nomes dos clientes da casa de prostituição, criando assim uma atmosfera de especulação, fofoca e mal-dizeres pelas ruas da cidade.

Dessa forma, todos ficavam desejosos em saber, por exemplo, quem seria “[...] a tal moça da rua da Igreja” que voltava à casa somente com o “pano d'amostra”.⁸ Ou então, empenhavam-se em receber as gratificações oferecidas pelo jornal para quem descobrisse “uma chave que foi perdida na rua General Paranhos” para ser entregue à Praça da Harmonia, para uma moça “nova no serviço” que andava “de Senhorinha por uma mais velha no trabalho”.⁹

⁸ **A Gazetinha**, Porto Alegre, 28/08/1895. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 154.

⁹ **A Gazetinha**, 01/08/1895. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 154.

Todas essas artimanhas eram utilizadas pelos redatores para criar um permanente e ativo diálogo com o público leitor, a ponto de fazê-lo sentir-se parte integrante da história contada. Esse público interagia com o acontecido e ao mesmo tempo, através de suas expectativas, oferecia um sentido à narrativa, acabando por dar a tônica da notícia aos jornalistas que certamente se preocupavam em escrever aquilo que seu público queria ler.

Assim, o caso de Fausta demonstra de forma muito interessante como ficção e realidade se influenciam mutuamente, confundindo seus espaços de atuação. Aqui, os limites entre o fato acontecido e o romanceado já não existem mais, uma vez que a notícia é ornamentada por uma série de detalhes, é vendida através de uma série de artimanhas com a intenção de cativar o público leitor e que este, por sua vez, também já esperava para os atos um desfecho de romance policial. O caso da representação que se criou em torno da crioula Fausta é significativo, pois, mais do que transformar-se ao longo do tempo, ela vai se constituindo enquanto uma narrativa ficcional no dia-a-dia, no calor do acontecido, e a história sendo acompanhada através de “capítulos” publicados nos jornais da época.

Portanto, retornamos ao que consideramos o principal intento deste livro brilhante da historiadora Sandra Pesavento: o estudo das representações enquanto significantes da realidade. Mais do que aquilo que poderia ter sido, o mundo do imaginário apresentado e trabalhado por Sandra é aquele que figura como o ator principal no palco dos acontecimentos sociais, é aquilo que de alguma maneira é verdadeiro, embora possa não ter sido fato.

É este imaginário recheado de idéias, sentimentos e valores que temos sobre a vida, as coisas e as pessoas que preenche de sentido a experiência humana, que por si só estaria fadada ao imenso vazio de um mundo que seria inconcebível se não fossem as representações que construímos sobre ele. O imaginário da Porto Alegre do século XIX estava ali, vivo e pulsante, a dar ritmo às ações “concretas” dos personagens de nossas histórias e Sandra soube muito bem explorá-lo e dialogar com ele, atentando para suas transformações e suas permanências.

Em **Os Sete Pecados da Capital**, portanto, a autora evoca das profundezas da memória da cidade de Porto Alegre as trajetórias de sete mulheres “sinistras”, e busca entender como elas se configuraram através dos tempos no imaginário da cidade, como passaram por um curioso processo de mitificação e como foram acompanhadas com

ares de ficção pela população local através dos discursos dos jornais. Assim, Porto Alegre à primeira vista uma pequena e calma cidade, é desnudada em sua face mais horripilante e assustadora em uma narrativa muito bem construída e também digna de um conto policial!



www.revistafenix.pro.br